

Revista de Literatura, História e
Memória



Seção: Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e Literatura, Ensino e
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 16 - Nº 28 - 2020

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 242-255

DO ABISMO AO ESPELHO
A CONFISSÃO DE RUBASHOV POR UMA
INTERPRETAÇÃO MATERIALISTA

From the abyss to the mirror

Rubashov's confession through a materialist interpretation

Danielle Massulo Bordignon¹

RESUMO: O uso da história para a compreensão de textos literários é algo relativamente comum. Contudo, com frequência, os intérpretes apenas utilizam uma sequência de fatos históricos para explicar o contexto de determinada obra. A corrente materialista, além de afirmar que a história é composta por mais do que simples acontecimentos, propõe que o texto seja interpretado por seus aspectos materiais, como a formação

política e ideológica. Aqui, a obra *O Zero e o Infinito*, de Arthur Koestler, é estudada por essa perspectiva. A confissão do personagem Rubashov ecoa a história de diversos revolucionários que abriram mão de suas vidas em nome de um coletivo que incluía seu próprio executor. Um ato que pode parecer incompreensível se não for visto pelas lentes das lutas políticas envolvidas e pela ideologia dos sujeitos. Apenas pela história é possível compreender que mais do que confissões pelo “eu”, foram confissões pelo “nós”. Para tanto, partimos dos ensinamentos de pensadores materialistas, como Karl Marx, Friedrich Engels, Fredric Jameson e Terry Eagleton, objetivando analisar a obra-prima de Koestler não apenas como um livro cuja interpretação é auxiliada pela história, mas como um romance que ajuda a entender a história.

PALAVRAS-CHAVE: O Zero e o Infinito; Arthur Koestler; Materialismo; Interpretação histórica; Confissão.

ABSTRACT: The use of History to comprehend literary texts is something relatively common. However, frequently, interpreters only utilize a sequence of historical facts to explain the context of a given work. The materialist approach, in addition to affirm that History is made of more than simple events, proposes that the text is to be interpreted by its material aspects, like the political and ideological formation. Here, the novel *Darkness at Noon*, by Arthur Koestler, is studied by that perspective. The confession of the character Rubashov echoes the story of several revolutionaries that gave up their lives on behalf of a collective that included their own executioner. An act that can seem incomprehensible if it is not seen through the lenses of the political struggles involved and the ideologies of the subjects. Only through History it is possible to comprehend that more than confessions for the “I”, these were confession for the “we”. For this purpose, we use the teachings of materialist thinkers, like Karl Marx, Friedrich Engels, Fredric Jameson and Terry Eagleton, aiming to analyze Koestler's masterpiece not only as a book whose interpretation is aided by History, but as a novel that helps the understanding of History.

KEYWORDS: Darkness at Noon; Arthur Koestler; Materialism; Historical Interpretation; Confession.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Gestão Integrada da Segurança Pública (GESEG/PUCRS).

1 INTRODUÇÃO

O romance *O Zero e o Infinito* foi escrito entre 1938 e 1940 e publicado em 1941 pelo autor Húngaro-Britânico Arthur Koestler. Escrito em alemão, foi traduzido pela namorada do autor, Daphne Hardy, para o inglês, cuja versão acabou sendo publicada. Acreditava-se que os originais foram perdidos durante a fuga do autor de Paris com a invasão alemã. Contudo, em 2015 foi identificada uma cópia do original em alemão, resultando em uma tradução profissional publicada em 2019.

O romance narra a prisão do revolucionário Nikolai Salmanovich Rubashov e seus três interrogatórios até uma confissão por atividades contrarrevolucionárias. O capítulo final, intitulado “A Ficção Gramatical”, apresenta o julgamento de Rubashov pela perspectiva do porteiro Vassili, bem como sua execução. Embora o autor só estabeleça o paralelo na epígrafe, é impossível não reconhecer a ambientação na União Soviética da década de 1930. Para George Orwell ([s.d]), Rubashov poderia representar “*Trotsky, Bukharin Rakovsky or some other relatively civilised figure among the Old Bolsheviks*”,² mas, para diversos teóricos, é inegável que a principal inspiração para o personagem seja realmente Nikolai Bukharin.

Bukharin foi um dos principais revolucionários soviéticos. Conhecido como um dos intelectuais da Revolução, foi editor do *Pravda*, principal jornal da União Soviética, entre 1918 e 1929, e escreveu diversas obras sobre teoria política e econômica. A política econômica por ele defendida divergia da adotada por Joseph Stálin, aproximando-se da aplicada por Vladimir Lênin anos antes, e Bukharin representava um possível nome para uma eventual sucessão no comando do Partido. Foi perseguido, condenado em um julgamento-espetáculo e morto em 1938, durante o período do Grande Terror, quando o governo soviético prendeu pelo menos 2.5 milhões de pessoas, executando, ao mínimo, mais 681.000. Suas biografias costumam utilizar trechos de *O Zero e o Infinito* para expor seus momentos finais.

Ao contrário de Victor Serge, que recusa a ligação entre a ficção e a história em *The Case of Comrade Tulayev* (talvez de forma irônica), ambientado no mesmo período, Arthur Koestler não nega sua inspiração em um momento histórico definido. Na própria epígrafe do romance, dispõe que “as personagens deste livro são fictícias. As circunstâncias históricas que determinaram seus atos são reais” (KOESTLER, 1987, p. 7). Na obra, no entanto, o autor não cita nomes e locais reais de forma explícita. Stálin é referido como “Nº 1”, Lênin é “o Velho”, Zinoviev e Kamenev são reconhecidos pelos seus cargos, e a União Soviética é a terra “de lá”.

² “Trotsky, Bukharin, Rakovsky ou alguma outra figura relativamente civilizada entre os Velhos Bolcheviques”. (Tradução nossa).

De certa forma, nada impediria que *O Zero e o Infinito* fosse interpretado como uma distopia genérica, sem estudar as forças históricas envolvidas, como alguns críticos fazem com *1984*, de George Orwell, por exemplo. Contudo, isso certamente empobreceria a obra, que está repleta de referências que só podem ser compreendidas profundamente ao analisar os aspectos históricos, políticos e econômicos do período. O paralelo enriquece o texto literário e enriquece o conteúdo histórico.

Para tanto, buscar-se-á interpretar a obra por meio de um método materialista, entendendo que a história e a ideologia não podem ser dissociadas do trabalho do autor. A incorporação do elemento histórico à atividade interpretativa não significa, no entanto, que haverá apenas a transposição dos fatos históricos ao texto literário. A própria teoria materialista nega esse encadeamento causa-efeito e admite uma relação dialética de vários fatores.

2 CONTRIBUIÇÕES MATERIALISTAS PARA A INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA

A consideração de elementos históricos no processo de interpretação de um texto literário não é exclusividade da corrente teórica materialista. De uma forma ou outra, diversas correntes estudam o contexto histórico da obra ou de seu autor a fim de estabelecer um panorama que explique o enredo. Para os materialistas, no entanto, a interpretação histórica deixa de ser uma ferramenta coadjuvante para ser a força que mobiliza a crítica. Para compreender essa corrente, contudo, é necessário estabelecer conceitos fundamentais que são, com frequência, distorcidos ou compreendidos superficialmente.

Marxismo e materialismo não são sinônimos. O materialismo *lato sensu* tem origens no período clássico grego (BORCHERT, 2006, p. 7), porém, é indiscutível que Karl Marx, no século XIX, foi seu principal pensador e que suas contribuições revolucionaram o pensamento materialista, colocando a corrente em grande evidência. O materialismo marxista começa a ser exposto em *Teses sobre Feuerbach*, escrito por volta de 1845 e publicado postumamente em 1888, no qual Marx oferece pequenas notas em resposta ao hegeliano Ludwig Feuerbach e às posições idealistas. Na tese 2, por exemplo, afirma que “a questão de saber se a pensamento humano pertence a verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na praxe que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento” (MARX, [1845]). O desenvolvimento desse materialismo continua no prefácio de *Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política*, no qual coloca que “o modo de produção da vida material condiciona o processo da

vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (MARX, [1859]). Essa doutrina marxista é, segundo Althusser (1986), dividida em materialismo histórico e materialismo dialético, de acordo com seus objetos: o primeiro, a ciência da história, e o segundo, a filosofia marxista.

O uso do materialismo histórico como método de interpretação de textos literários parte da noção de que, como coloca Fredric Jameson (1992, p. 18), “a única libertação efetiva desse controle começa com o reconhecimento de que nada existe que não seja social e histórico – na verdade, de que tudo é, ‘em última análise’, político”. A compreensão de que os fatores materiais influenciam tanto a escrita e a leitura quanto a vida cotidiana é certamente um ensinamento marxista. Eagleton, por exemplo, nega a explicação idealista da criação literária ao afirmar que:

As obras literárias não são fruto de uma inspiração misteriosa nem são explicáveis simplesmente em função da psicologia dos seus autores. São formas de percepção, maneiras determinadas de ver o mundo, e como tal têm relações com a forma dominante de ver o mundo que é a ‘mentalidade social’ ou a ideologia de uma época. (EAGLETON, 1976, p. 18).

Embora o materialismo se afaste do idealismo em muitos momentos, a questão da ideologia permanece sob a atenção dos marxistas. A ideologia, para Althusser ([1970], p. 69), seria “o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social”, ou seja, uma visão de mundo. Porém, essa ideologia não é baseada em divagações hipotéticas do sujeito, mas nas relações materiais estabelecidas na sociedade. Como colocam Marx e Friedrich Engels:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal a das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Dessa forma, a história, sob a forma de ideologia, penetra no texto no momento da escrita, impossibilitando uma interpretação dissociada daquele componente. Contudo, rejeita-

se a ideia da obra literária como simples “espelho” da história. Como exposto por Terry Eagleton (1978, p. 72), “*History, then, certainly ‘enters’ the text, not least the ‘historical’ text; but it enters it precisely as ideology, as a presence determined and distorted by its measurable absences*”.³ Portanto, mesmo em romances históricos, a crítica deve, mais do que buscar os equivalentes históricos dos fatos narrados, procurar a visão de mundo por trás da narrativa. Isso porque inexistiria uma simples “história objetiva”, despida de ideologia, e sim fatos históricos contraditórios que compõem uma dialética.

No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels (2011) escrevem que “a história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes”. Contudo, a história não pode ser entendida somente como relação econômica, como alguns marxistas defendem. Se assim fosse, a única luta de classes possível seria entre burgueses e proletários, quando, na verdade, diversas classes estão em constante disputa por reconhecimento e influência. O próprio Friedrich Engels esclarece esse ponto ao afirmar:

As condições econômicas são a infra-estrutura, a base, mas vários outros vetores da superestrutura (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma. [...] Do contrário, a aplicação da teoria a qualquer período da história que seja selecionado seria mais fácil do que uma simples equação de primeiro grau. (ENGELS, 1890).

História, aqui, não significaria apenas a sucessão linear de fatos ocorridos no passado, mas a consideração simultânea de fatores políticos, econômicos, sociais, jurídicos e ideológicos de dado momento. Significaria abandonar a história como simples “contexto” e adotar uma nova metodologia de interpretação. Jameson propõe uma:

Reescritura do texto literário de tal forma que este possa ser visto como reescritura ou reestruturação de um *subtexto* histórico ou ideológico anterior, sendo sempre entendido que esse “subtexto” não se faz imediatamente presente enquanto tal, não é a realidade externa do senso comum, e nem mesmo as narrativas convencionais dos manuais de história, mas tem sempre de ser (re)construído a partir do fato. (JAMESON, 1992, p. 74).

Entender a história apenas como um encadeamento de acontecimentos objetivos

³ “A História, então, certamente “entra” no texto, não apenas o texto “histórico”; mas entra precisamente como ideologia, como uma presença determinada e distorcida por suas ausências mensuráveis”. (Tradução nossa).

levaria a supor que os fatos alegados pelos promotores nos Processos de Moscou simplesmente ocorreram ou não ocorreram, e que seus acusados confessaram por culpa, no primeiro caso, ou por covardia, no segundo. Levaria a supor que existe uma “verdade absoluta”, auferível pela observação externa dos atos das pessoas envolvidas, sem tomar em consideração a “visão de mundo” que condiciona tais ações.

Por isso, mais do que aplicar a conhecida história dos manuais da Revolução Russa e do Grande Terror à interpretação de *O Zero e o Infinito*, buscaremos compreender como as questões ideológicas afetaram o autor e os personagens do romance.

3 COMPREENDER A HISTÓRIA, COMPREENDER RUBASHOV

Em 1938, no “Julgamento dos Vinte e Um”, a ala direita do Partido Comunista Soviético, composta por Bukharin, Rykov, Yagoda, Rakovski, Krestinski, entre outros, foi perseguida e executada. Juntamente com os processos ocorridos em 1936 e 1937, 98 dos 139 membros do Comitê Central foram presos, condenados e/ou executados. O processo jurídico em si talvez seja irrelevante neste trabalho, mas é importante saber que praticamente todos os acusados confessaram os crimes pelos quais foram processados. Contudo, os estudos históricos reconheceram que as confissões foram inverídicas, ainda que as razões pessoais para tais confissões ainda sejam objeto de debate entre os historiadores. Arthur Koestler afirma em sua autobiografia que a confusão ocorre apenas para aqueles que não compreendem a sistemática da ideologia soviética da época:

*How were the confessions obtained? ... A bewildered world watched the builders of the Soviet Government flagellate themselves for crimes which they never could have committed, and which have been proved to be fantastic lies. Ever since, the riddle of the confessions has puzzled the Western world. But the confessions never presented a riddle to those of us who had been on the inside of the Stalin machine.*⁴ (KOESTLER, 1954).

O autor divide os confessores dos Processos entre os que buscavam sobreviver, os mentalmente destruídos, os protetores de suas famílias e aqueles que chama de “núcleo duro”, como Bukharin, Piatakov, Mrachkovsy e Smirnov, que teriam confessado por razões políticas, e não pessoais. Koestler deixa explícito que Rubashov pertence à última categoria. Porém,

⁴ “Como as confissões foram obtidas? Um mundo desorientado assistiu os construtores do Governo Soviético flagelarem-se por crimes que nunca poderiam ter cometido, e que foram comprovados como sendo mentiras fantásticas. Desde então, a charada das confissões tem intrigado o mundo Ocidental. Mas as confissões nunca foram uma charada para aqueles de nós que estiveram dentro da máquina de Stálin”. (Tradução nossa).

martírios costumam acontecer como forma de resistência, de contestação, e não de conformação. Alguns desses confessores sequer teriam sido torturados fisicamente ou chantageados, então, o que teriam a ganhar com a capitulação?

A confissão de Nikolai Bukharin no julgamento de 1938 é especialmente emblemática por seu uso da retórica. Em nenhum momento, Bukharin perde o controle da narrativa e por sutilezas coloca sua inconformidade com a sua situação. Não admite participação ativa nos fatos que lhe foram imputados e, em vez disso, critica seus acusadores com maestria. Em sua manifestação perante o Tribunal, Bukharin insere a questão da culpa objetiva, revelando que confessa menos por ter cometido voluntariamente atos contrarrevolucionários, e mais por um dever político ou uma responsabilidade por ações pretéritas que poderiam ter causado danos para o Estado Soviético:

Durante três meses confinei-me em negações. Depois entrei na via das confissões. Porquê? É que, na prisão, eu reví o meu passado. Porque quando nos perguntamos: “Se morres, em nome de quê morres tu?” – aparece de repente com uma nitidez arrebatadora um abismo absolutamente negro. [...] E foi isto, no fim das contas, que me desarmou definitivamente; foi isto que me forçou a dobrar o joelho diante do Partido e do país. [...] Durante esses minutos, cidadãos juizes, tudo o que me é pessoal, todo o rancor, os restos de irritação, de amor próprio e ainda muitas outras coisas, tudo cai por si mesmo, tudo desaparece. E assim que chegam ao teu ouvido os ecos duma vasta luta, tudo isso exerce a sua acção, pondo-nos na presença de uma completa vitória moral interior da U.R.S.S. sobre os seus adversários postos de joelhos.⁵ (BROUÉ, 1966, p. 203-204).

Tal como a confissão de Nikolai Bukharin, a confissão de Nikolai Rubashov pode ser interpretada de diferentes formas de acordo com o método utilizado. Trata-se de uma associação inevitável, explorada por diversos teóricos que partem tanto da realidade para estudar a ficção quanto da ficção para estudar a realidade. Uma interpretação de *O Zero e o Infinito* que desconsidere os fatores históricos e políticos e sua ideologia colocaria a confissão como um reconhecimento de culpa subjetiva ou como um ato de sobrevivência. Ao adicionarmos aqueles fatores na equação, contudo, o resultado obtido parece muito mais complexo e, provavelmente, mais próximo de um real alcançável. A última declaração de Rubashov em seu julgamento ecoa as palavras de Bukharin acima reproduzidas, o que torna inegável a vinculação entre os dois personagens:

Se hoje me pergunto: ‘Por que estou morrendo?’, vejo-me diante do vazio

⁵ A versão utilizada aqui não contém as passagens censuradas pela U.R.S.S. à época de sua divulgação original. Para depoimento completo, cf. TUCKER; COHEN, 1965, p. 666-667 apud HELLBECK, 2009, p. 67.

absoluto. Não há coisa alguma pela qual um homem possa morrer, se morrer sem se ter arrependido nem reconciliado com o Partido e o Movimento. Por isso, no limiar de minha última hora, dobro os joelhos diante da nação, diante das massas e diante de todo o povo. (KOESTLER, 1987, p. 226).

Rubashov inicia sua jornada no romance como um revolucionário caído, mas certo de sua posição no cenário político-histórico. Nos momentos que seguem a sua prisão, afirma que “é preciso enfrentar a situação [...] enfrentá-la até o fim” (KOESTLER, 1987, p. 21), o que dá a entender que seu objetivo é resistir às acusações. Reconhece, no entanto, que será executado fisicamente, destruído, mas que, ainda que sem grandes convicções, a história o reabilitará. A história, porém, confunde-se com o Partido para Rubashov, o que será de vital importância no seu futuro. Em um *flashback*, afirma:

- O Partido nunca pode errar – disse. – Eu e o camarada podemos cometer um erro. O Partido não. O Partido, camarada, é mais do que você e eu e milhares de outros como você e eu. O Partido é a corporificação da ideia revolucionária da história. A história não conhece escrúpulos nem vacilações. Inerte e infalível, ela marcha para o seu alvo. [...] A história conhece o caminho. Não erra. Quem não tem fé absoluta na história não pertence às fileiras do Partido. (KOESTLER, 1987, p. 48).

Aqui, é importante explicar o momento histórico e seus reflexos ideológicos. Com a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933 e o prenúncio de guerras tanto com países do oeste quanto do leste da União Soviética, Stálin passou a temer o “cerco capitalista” e a tomar medidas de contenção dessas ameaças. Seus discursos reproduziam tais temores e a sensação de medo foi recebida por seus interlocutores (SHEARER, 2018). James Harris (2007) afirma que as políticas adotadas por Stálin no período representam, além de uma reação política, uma reação ideológica, na qual a guerra não seria apenas contra países, mas contra o capitalismo. Assim, os outros membros do Partido Comunista Soviético passaram a ver as atitudes opressoras de Stálin como medidas necessárias para garantir o sucesso da revolução iniciada em 1917. Christian Rakovski, outro réu no “Julgamento dos Vinte e Um”, por exemplo, mudou sua postura ao descobrir, na prisão, as novas incursões fascistas e da iminência de uma guerra mundial:

The power of this realization prompted him to give up his oppositional stance; he began to “sit in judgement over [him]self,” discard his subjective vanity, accept his personal responsibility for the growth of the anti-Soviet camp, and from then on devote himself fully to the struggle against fascism.⁶

⁶ “O poder dessa descoberta o motivou a abandonar sua posição oposicionista; ele começou a ‘julgar a si

(HELLBECK, 2009, p. 56-90).

Logo, qualquer ação de resistência e que colocasse em dúvida a autoridade e os motivos do Partido, e, por decorrência, de Stálin, poderia estar colocando em risco a própria revolução. A obediência absoluta ao Partido e ao seu líder passa ser o maior dever de um revolucionário na União Soviética da década de 1930. Não há, para Maurice Merleau-Ponty, uma linha definitiva que separe divergência política de traição objetiva em períodos de tensão revolucionária ou de ameaça externa (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 34). Sobre a confissão de Bukharin, Merleau-Ponty ainda aponta que:

When he does capitulate, it is therefore not only from discipline. It is because he recognizes in his political conduct, however justified it may once have been, an inevitable ambiguity through which it risks condemnation. In extreme situations, where the whole revolution is questioned, the revolutionary who rallies in opposition surrounds himself with his enemies and can endanger the revolution. [...] Obviously “treason” is only a political divergence. But divergences in a period of crisis compromise and betray the gains of October 1917.⁷ (MERLEAU-PONTY, 1969, p. xvi).

No raciocínio dos revolucionários de 1917, se o Partido está sempre certo, e o seu líder é a encarnação do Partido, logo o líder estará sempre certo. Assim, a mera discordância com as decisões do líder seriam atos contrarrevolucionários. No momento em que Rubashov se vê acusado de tais crimes, seu dever político passa a ser aceitar sua condenação, a morrer em silêncio, como lhe é sugerido por um bilhete que recebe ao chegar na prisão:

“Morra em silêncio”.

Rubachov jogou o fragmento de papel no balde e recomeçou o passeio. Era a primeira mensagem que lhe chegava de fora. No país inimigo, com frequência as recebera de contrabando, na prisão; incitavam-no a erguer a voz em protesto, a arrojarem a acusação de volta contra os acusadores. Haveria também momentos na história em que o revolucionário tinha de se manter calado? No caminho da história, existiriam voltas em que só uma coisa era exigida, só uma coisa era certa: morrer em silêncio? (KOESTLER, 1987, p. 119).

Nem Rubashov, nem Bukharin poderiam contradizer o Estado em suas confissões.

próprio’, abandonar sua vaidade subjetiva, aceitar sua responsabilidade pessoal pelo crescimento do campo antissoviético, e a partir de então devotou-se completamente na luta contra o fascismo”. (Tradução nossa).

⁷ “Quando ele capitula, não é, portanto, apenas por disciplina. É porque ele reconhece em sua conduta política, por mais que justificada que possa ter sido uma vez, uma ambiguidade inevitável pela qual corre o risco de condenação. Em situações extremas, nas quais toda a revolução é questionada, o revolucionário que apoia a oposição se cerca de inimigos e pode ameaçar a revolução. [...] Obviamente ‘traição’ é apenas uma divergência política. Mas divergências em um período de crise comprometem e traem os ganhos de Outubro de 1917”. (Tradução nossa).

Seus deveres eram com o Partido, com a história, não com si próprios. O subjetivo deve ser esquecido, a honra, para Rubashov, é “ser útil sem vaidade”, substituindo a decência por razão (KOESTLER, 1987, p. 161). A prática, no entanto, não é tão simples quanto a teoria, e o personagem leva algum tempo para alcançá-la. Quando finalmente o faz, em seu depoimento final, coloca:

A vaidade e um último resto de orgulho murmuravam a meus ouvidos: Morra em silêncio, cale-se; ou morra com um nobre gesto, com um comovente canto de cisne nos lábios; desafogue seu coração e desafie seus acusadores. Isso teria sido mais fácil para um velho rebelde, mas venci a tentação. Com isso, minha missão está terminada. Paguei; minha conta com a história está saldada. (KOESTLER, 1987, p. 226).

A completa supressão do subjetivo, do eu, em prol do objetivo, de todos, é o que dá origem ao título traduzido para o português e o francês (*Le Zéro et l'Infini*): “*Il s’agit du bonheur à venir du monde, par le succès définitif de « cette expérience la plus prometteuse de l’histoire », cette révolution pour qui l’individu n’est qu’un zéro, à côté du nombre infini des hommes à sauver...*”⁸ (HENRIOT, 1946). O historiador Robert Conquest (1990) explica que Koestler não tentou estabelecer uma teoria definitiva dos motivos que levaram todos os acusados dos Julgamentos de Moscou a capitular, mas que sua obra consegue alcançar vários deles.

Em seus últimos momentos, Rubashov questiona não apenas sua confissão, mas toda sua trajetória revolucionária. Reflete sobre como nunca utilizara a palavra “eu” durante o cárcere, conscientemente ou não. Havia incorporado que o indivíduo era uma fração do coletivo, um corpo despido de dignidade. Antes de ser levado ao fuzilamento, chega a uma nova conclusão:

Talvez ensinem que esteja errado o princípio de que um homem é o quociente de um milhão dividido por um milhão, e introduzam uma nova espécie de aritmética baseada na multiplicação; ao juntar-se um milhão de indivíduos ter-se-á uma nova entidade que não mais formará uma massa amorfa, mas criará uma consciência e uma individualidade próprias, com um “sentimento oceânico” multiplicado por um milhão, num espaço ilimitado e, entretanto, autônomo.

Essa pode ser a resposta nunca fornecida explicitamente por Koestler à sua própria

⁸ “É sobre a felicidade de vir do mundo, através do sucesso definitivo de ‘essa experiência mais promissora da história’, essa revolução pela qual o indivíduo não é apenas um zero, ao lado do número infinito de homens salvar...” (Tradução nossa).

pergunta. O que o mundo ocidental não entende, mas que era tão óbvio para os soviéticos é que não se tratava da primeira pessoa do singular, mas do plural. É quase inconcebível para quem não vive naquela realidade que alguém morra em silêncio em deferência ao próprio executor. O executor, o executado, o povo, fazem parte de um mesmo coletivo. Ao morrer pela revolução, Rubashov, Bukharin e os demais morrem, também, por si próprios. O que era um abismo torna-se um espelho.

4 NOTAS FINAIS

Embora seja reconhecido por alguns como uma das grandes obras sobre o totalitarismo, *O Zero e o Infinito* permanece relativamente desconhecido pelo grande público atualmente. Tendo influenciado de George Orwell a Bob Dylan, as razões para as críticas à obra podem ser as mesmas que levaram Nikolai Rubashov a confessar. Na década de 1940, o inimigo era Adolf Hitler, não Joseph Stálin. Muito pelo contrário, o líder soviético era visto como uma das figuras que poderiam conter a ameaça nazista. Isso justificaria o encobrimento dos horrores do Grande Terror, exatamente no sentido maquiavélico que Rubashov critica ao fim. Assim, alguns intelectuais franceses da época, como Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre, criticaram duramente o argumento de Arthur Koestler, absolvendo Stálin e os Julgamentos de Moscou como uma consequência necessária para alcançar os fins propostos na revolução.

A obra de Koestler não é um simples romance de cárcere. O que está envolvido na confissão de Rubashov passa da esfera pessoal e alcança dimensões políticas, sociais, ideológicas e até mesmo econômicas. Seus conflitos não estão apenas no mundo das ideias, estão nas condições materiais da sociedade soviética do período. O autor reconhece que Rubashov não representa apenas uma das vítimas dos Julgamentos de Moscou, mas de um grupo de revolucionários que conheceu e, quem sabe, de muitos outros que não teve a oportunidade de encontrar.

O percurso que leva Rubashov da luta pela inocência à aceitação das acusações é repleto de motivações políticas e ideológicas. Não são somente as experiências físicas vivenciadas no cárcere que levam o personagem a um estado de conformação com a história, mas todo um conjunto de influências materiais que o acompanham desde sua formação como revolucionário. Sua visão de mundo o convence a capitular em vez de resistir. O que o leva a confessar é a lógica, como previsto por Ivanov, e não a covardia.

O paralelo estabelecido entre a trajetória de Rubashov e a vida de Nikolai Bukharin

permite compreender mais profundamente tanto a história quanto a obra literária. Embora entendamos que o autor não buscou reproduzir perfeitamente a prisão e a confissão de Bukharin através do personagem Rubashov, não podem ser ignoradas as semelhanças entre os dois. Na ausência de detalhes sobre a vida e a ideologia dos cidadãos do país retratado por Koestler, a utilização das informações disponíveis sobre a União Soviética mostrou-se pertinente. O fato de Koestler autorizar ele próprio essa comparação na epígrafe do romance e em sua autobiografia tornou a atividade menos arriscada.

Embora Rubashov alcance o discernimento de sua tarefa revolucionária pela via lógica e não por ameaças físicas ou psicológicas, a crítica à perseguição política do período do Grande Terror é muito evidente. Isso fica mais claro ao fim do romance, quando Rubashov argumenta por uma nova concepção da noção de indivíduo, defendendo o que conhecemos por dignidade da pessoa humana, ou seja, a consideração de cada pessoa como um fim em si mesma. O rompimento com a instrumentalização do ser humano significa que o indivíduo não poderia mais ser visto como um objeto a serviço do Partido e a desierarquização entre povo e sujeito.

Essas conclusões não poderiam ser obtidas de outra forma que não a interpretação materialista. Apenas o raciocínio desenvolvido por Karl Marx possibilita ver a história como a confluência de um número de forças em vez de uma linha ordenada de fatos sequenciais. Somente a tomada em consideração dos aspectos políticos, econômicos e ideológicos da sociedade soviética na década de 1930 permite que entendamos a confissão de Bukharin e, por consequência, de Rubashov como um ato inevitável de um revolucionário convicto e não como uma ação resultante de ameaças e torturas.

Em 1988, uma comissão do Partido Soviético absolveu Bukharin e outros 19 réus dos Julgamentos de Moscou, reconhecendo que foram erroneamente condenados e executados. Em 1989, 25.000 vítimas do Grande Terror foram reabilitadas postumamente.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Materialismo histórico e materialismo dialético. *In*: BADIOU, Alain; ALTHUSSER, Louis. **Materialismo Histórico e Materialismo Dialético**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1986.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes, [1970].

BORCHERT, Donald M. (ed.). **Encyclopedia of Philosophy**. 2. ed. Detroit: Thomson Gale,

2006. v. 6.

BROUÉ, Pierre. **Os Processos de Moscovo**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966.

CONQUEST, Robert. **The Great Terror: a reassessment**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1990.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. Porto: Edições Afrontamento, 1976.

EAGLETON, Terry. **Criticism and Ideology**. London: Verso, 1978.

ENGELS, Friedrich. [**Carta para Joseph Bloch**]. Destinatário: Joseph Bloch. Londres, 21-22 set. 1890. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm> . Acesso em: 25 jan. 2020.

HARRIS, James. Encircled by enemies: Stalin's Perceptions of the capitalist world, 1918-1941. **Journal of Strategic Studies**, v. 30, n. 3, p. 513-545, jun. 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01402390701343490> . Acesso em: 28 jan. 2020.

HELLBECK, Jochen. With Hegel to Salvation: Bukharin's Other Trial. **Representations**, v. 107, n. 1, p. 56-90, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1525/rep.2009.107.1.56> . Acesso em: 3 fev. 2020.

HENRIOT, Émile. « Le Zéro et l'Infini », d'Arthur Koestler: dans les méandres d'une âme révolutionnaire russe. **Le Monde**, [s.l.], 3 de março de 1946. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1946/03/07/sur-l-esprit-de-revolution_1873310_1819218.html . Acesso em: 2 fev. 2020.

JAMESON, Fredric. **O Inconsciente Político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1992.

KOESTLER, Arthur. **O Zero e o Infinito**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

KOESTLER, Arthur. **The Invisible Writing**. New York: Vintage, 1954. *E-book*.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. [S.l.: s.n.], 1845. *E-book*.

MARX, Karl. **Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política**. [S.l.: s.n.], 1859. *E-book*.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista [1848]**. São Paulo: L&PM Pocket, 2011. *E-book*.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Humanism and Terror: An Essay on the Communist Problem**. Boston: Beacon Press, 1969.

ORWELL, George. **Arthur Koestler: Essay**. [s.d]. Disponível em: <http://www.george->

orwell.org/Arthur_Koestler/0.html . Acesso em: 24 jul. 2019.

SHEARER, David. Stalin at War, 1918-1953: Patterns of Violence and Foreign Threat. **Jahrbücher Für Geschichte Osteuropas**, v. 66 n. 2, p. 188-217, 2018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44968765>. Acesso em: 27 jan. 2020.

Recebido: 05/04/2020
Aprovado: 27/05/2020